



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
DEPARTAMENTO DE ARTES CORPORAIS**

LICENCIATURA EM DANÇA

JANAINA RAMOS CARLOS

**A AULA PASSEIO FREINETIANA COMO ESTRATÉGIA DE
ENSINO DA DANÇA PARA CRIANÇAS NO CONTEXTO
ESCOLAR FORMAL**

**CAMPINAS
2020**

JANAINA RAMOS CARLOS

**A AULA PASSEIO FREINETIANA COMO ESTRATÉGIA DE
ENSINO DA DANÇA PARA CRIANÇAS NO CONTEXTO
ESCOLAR FORMAL**

Monografia apresentada ao Departamento de Artes Corporais, no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientação: Marisa Lambert

**CAMPINAS
2020**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Artes
Sílvia Regina Shiroma - CRB 8/8180

C195a Carlos, Janaina Ramos, 1998-
A Aula Passeio Freinetiana como estratégia de ensino da dança para crianças no contexto escolar formal / Janaina Ramos Carlos. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Marisa Martins Lambert.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.

1. Escolas democráticas. 2. Aprendizagem centrada no aluno. 3. Percepção espacial. 4. Infância. I. Lambert, Marisa Martins, 1963-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: The Freinetian Stroll Classroom as a strategy for teaching dance to children in the formal school context

Palavras-chave em inglês:

Democratic schools Student-centered learning Space perception Childhood

Titulação: Licenciada em Artes - Dança

Data de entrega do trabalho definitivo: 15-01-2021

JANAINA RAMOS CARLOS

**A AULA PASSEIO FREINETIANA COMO ESTRATÉGIA DE
ENSINO DA DANÇA PARA CRIANÇAS NO CONTEXTO
ESCOLAR FORMAL**

Monografia apresentada ao Departamento de Artes Corporais, no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientação: Marisa Lambert

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Suzana Bayona

Profa. Ma. Flávia Brassarola Borsani Marques

RESUMO

Esta monografia, referente ao Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Dança, pesquisa a estratégia pedagógica freinetiana de Aula Passeio para o ensino e prática da dança no contexto escolar formal, sob o viés da pedagogia democrática e a partir de uma prática criativa de ocupação do espaço. Tem como foco promover a investigação de movimentações mais autênticas, experienciadas com o suporte de elementos da infância e da ação do brincar. Privilegiou-se o lugar de escolha pessoal, a potencialidade e autonomia do aluno, fazendo-o sujeito no seu processo de aprendizagem. Na construção da relação entre a pedagogia democrática e o ensino da dança, apoiei-me em uma bibliografia específica composta por um conjunto de autores e artistas que estudam e trabalham com os temas abordados, pedagogia democrática e a prática da dança para crianças, tendo como principais norteadores, os pedagogos e escritores Vitor Henrique Paro e Celestin Freinet, e as professoras e artistas da dança Uxa Xavier e Georgia Lengos. A partir dessa análise e reflexão, chego na composição de uma proposta de Aula Passeio Dançante, inspirada no conceito de aula passeio de Freinet. Uma experiência que provoca o imaginário do sujeito aluno e sugere a ocupação e exploração do espaço através do corpo. A pesquisa se expressa também poeticamente com a composição de um livro infanto-juvenil intitulado "Passeio Dançante: uma brincadeira pelo espaço"

Palavras chaves: Pedagogia Democrática. Aluno Sujeito. Exploração. Espaço. Movimento na Infância.

ABSTRACT

This monograph, related to the Final Project of the Dance Graduation Course, researches the Freinetian pedagogical strategy of Aula Passeio for the teaching and practice of dance in the formal school context, under the perspective of democratic pedagogy and based on a creative practice of space occupation. It focuses on promoting the investigation of more authentic movements, experienced with the support of elements from childhood and the action of play. The place of personal choice, the potentiality, and autonomy of the student were privileged, making him subject in his learning process. In the construction of the relationship between democratic pedagogy and dance teaching, I based myself on a specific bibliography composed of a set of authors and artists who study and work with the themes approached, democratic pedagogy and the practice of dance for children, with the pedagogues and writers Vitor Henrique Paro and Celestin Freinet, and the teachers and dance artists Uxa Xavier and Georgia Lengos as the main guides. Based on this analysis and reflection, I came up with a proposal for a Dancing Stroll Classroom, inspired by Freinet's concept of the walking class. An experience that provokes the student's imaginary and suggests the occupation and exploration of space through the body. The research is also expressed poetically with the composition of a children's book entitled "Passeio Dançante: uma brincadeira pelo espaço" (Dancing Stroll: a play through space).

Key words: Democratic Pedagogy. Subject Pupil. Exploration. Space. Movement in Childhood.

AGRADECIMENTOS

A meus pais, que neste ano em especial, acompanharam de perto o meu processo de finalização da graduação, sempre me confortando e apoiando em todos os momentos.

Ao meu irmão, por ter me ajudar na edição do livrinho “Passeio Dançante: uma brincadeira pelo espaço”

A meus amigos que, mesmo distante, se fizeram presentes, tanto os da minha cidade natal, São José do Rio Pardo, quanto os vários amigos que tive a oportunidade de conhecer e conviver no Curso de Dança desde 2016, e que guardarei com muita consideração por toda a vida.

À Marisa Lambert, orientadora querida e artista-pesquisadora-professora, pelo acolhimento do meu projeto e o carinhoso acompanhamento durante todo o processo de construção do trabalho.

Ao grupo de professoras orientadoras dos trabalhos de conclusão de curso (Licenciatura em Dança) - Ana Terra, Marisa Lambert, Jussara Miller e Paula Caruso, pela organização e dedicação a todos os trabalhos da turma 016 - Dança Unicamp.

Às professoras do Departamento de Artes Corporais e a todos os outros professores que fizeram parte da minha formação acadêmica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 – EIXOS BÁSICOS DA PESQUISA	10
Brincar na Infância	10
Dança na Escola	11
Pedagogia Democrática	15
CAPÍTULO 2 - PRINCÍPIOS FREINETIANOS DA AULA PASSEIO	18
A Pedagogia de Célestin Freinet	18
Saindo da sala de aula	19
Aprendizado pela Ação	21
CAPÍTULO 3 – A AULA PASSEIO DANÇANTE	24
A Memória e o Movimento da Infância	24
Um Passeio Dançante	27
Um livro para dançar	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
ANEXO	35
Anexo A – Livro “Passeio Dançante: Uma brincadeira pelo espaço”	35

INTRODUÇÃO

Esse trabalho terá como foco a prática da dança no espaço da escola pública, perante a perspectiva da pedagogia democrática, conciliando análises de aspectos da infância e do brincar na proposição de uma experiência que busca a exploração de movimentos e estados corporais a partir de uma ocupação sensível e criativa do espaço.

A escolha da pedagogia democrática justifica-se por dispor de fundamentos, tais como a autonomia, liberdade de expressão e criticidade do aluno, que considero eficientes e indispensáveis nas práticas de ensino, não apenas das artes, mas em todas as áreas de conhecimento. São modos de atuar que priorizam o processo natural e individual de desenvolvimento dos alunos, considerando-os como sujeitos na construção de seu próprio saber.

Olhando para o ambiente da escola pública formal, além de considerar a mobilidade dos corpos um fator potente para o desenvolvimento do aprendizado, também aponto como desfavorável a formatação inflexível e expositiva, comuns na sala de aula de ensino tradicional. Interessa-me questionar e propor uma prática na contramão do modelo de ensino que se apoia no corpo sentado, silencioso e quase imóvel. Na elaboração da provocação prática que desenvolvo nesta pesquisa, a infância preenche o lugar de estímulo, período que permite a ação plena do imaginário através da memória corporal e cognitiva; e o brincar, um estado dinâmico de presença, aparece como impulso do corpo na exploração expressiva, no desenvolvimento de movimentações autênticas, na comunicação espontânea e principalmente no processo natural de assimilação e aprendizagem de novos saberes.

Assumindo minha posição de formação (concluinte da Licenciatura em dança e futura professora-artista), ainda com pouca experiência na docência, apoio-me em autores e educadores que desenvolvem trabalhos nos quais me inspiro profissionalmente. Para esclarecer alguns pontos da pedagogia democrática que considero relevante para essa pesquisa, utilizo como referência o escritor e educador Vitor Henrique Paro, que tem como principal linha de pesquisa os caracteres democráticos na gestão e administração do ensino público. No desdobramento da prática proposta, tenho como fonte de estratégias democráticas, os conceitos do pedagogo francês Célestin Freinet (1896-1966), presentes principalmente no seu livro

“Pedagogia do Bom Senso”. Conto ainda com a visão de artistas, educadoras e pesquisadoras da infância, como: Uxa Xavier, Georgia Lengos, Jussara Miller e Beth Bastos, que desenvolveram trabalhos influentes de dança para crianças no universo da arte/educação, projetos como: o grupo Lagartixa na Janela¹, dirigido por Uxa Xavier, o “Forinho”² um dos eventos organizado por Georgia Lengos coordenadora da Balangandança Cia., e os espaços de prática e ensino de dança, o Salão do Movimento³ de Jussara Miller e a Sala Crisantempo⁴ de Beth Bastos. Complemento com algumas colocações de Hubert Godard, pesquisador da corporeidade e movimentação humana, ao relacionar a prática/ensino da dança e a abordagem democrática, orientada, no caso dessa pesquisa, especificamente para a exploração do espaço.

Início contextualizando os três eixos em que esse trabalho permeia: a infância, a dança na escola e a pedagogia democrática, seguido de uma breve apresentação dos conceitos freinetianos. A partir do segundo tópico, passo a relacionar a proposta de “Aula Passeio” criada por Freinet, com práticas de dança e reflexões sobre o brincar e a infância.

Neste tópico aponto o sair (em última instância, para interagir com o mundo) como determinante na experiência, não apenas do espaço físico, mas o sair de uma condição imóvel para a quebra da organização regular e cotidiana, através do simples deslocamento de corpos no espaço. Mas em ambas as situações, considero o espaço como uma fonte de diferentes estímulos, sua exploração, quando aproximada pelos parâmetros democráticos, proporciona ao aluno a liberdade de criar seus próprios caminhos para aprender. Coloco também a ação do olhar observador como recurso na construção do diálogo com o espaço, a fim de estabelecer uma relação inicial de reconhecimento.

¹ O grupo, criado em 2010, pesquisa as infâncias, na perspectiva de revelar o corpo da criança no espaço público, investigando e ressignificando esses espaços, se ancoram na busca de criar um diálogo com o universo das infâncias como também as memórias remotas dos adultos.

² Idealizado pela Balangandança Cia. Criado em 1997, une arte e educação para discutir a linguagem corporal da criança com trabalhos originais), o evento foi realizado em 6a edições e contou com a participação de profissionais que trabalham e refletem sobre o Brincar, a Improvisação e a Dança, com a mediação de Georgia Lengos.

³ Iniciado em 2001, é um espaço acolhedor de Dança e Educação Somática que proporciona atividades cujo foco é a reflexão do corpo e o estudo do movimento com aplicação da técnica Klauss Vianna

⁴ Inaugurado em 2004 e oferece cursos relacionados à consciência do movimento, reunindo profissionais das artes do corpo ligados às ideias e práticas do bailarino, coreógrafo e pesquisador Klauss Vianna.

Ainda contextualizando o passeio, acrescento o corpo como centro de exploração, valendo-me de mais um conceito freinetiano, a livre expressão, que visa a liberdade do aluno em avaliar e escolher quais elementos do espaço lhes afetam, sem a necessidade de um direcionamento externo. E aponto que o engajamento do corpo na investigação proposta, coloca-o como sujeito da experiência, sua ação no diálogo com o espaço produz o objeto, neste caso, a movimentação.

No tópico seguinte, apresento a infância como um campo comum de vivências, presente na memória de toda e qualquer pessoa, dando a possibilidade de estabelecer uma relação mais horizontal e humana entre professor e aluno. Neste tópico, também coloco o brincar como um ato da infância, sendo um meio de expressão e comunicação da criança, que pelo imaginário, compõe o estado de envolvimento pleno com a ação, criando e explorando naturalmente novas possibilidades de movimentações. Levanto que esta proposta de Aula Passeio, é válida em uma prática de dança por estimular a compreensão do próprio corpo, não só sobre suas ações e dimensões, mas em relação a suas potencialidades expressivas e comunicativas; também por ativar a percepção e envolvimento com o espaço a partir do sensível, visando sempre a independência e particularidade de cada indivíduo.

Por fim, proponho uma prática guiada da experiência de Aula Passeio Dançante. Como forma de provocação e conclusão de todo o desdobramento da pesquisa, o roteiro desse passeio é organizado de acordo com cada tópico desenvolvido no trabalho, desde a saída até as percepções finais do corpo no espaço. Sugerindo uma experiência não só para crianças em uma sala de aula, mas para qualquer indivíduo que se disponibilize a vivenciar uma prática que envolva seu corpo no espaço em que ocupa. Acompanha essa proposta a composição de um breve material didático em forma de livro para dançar, no qual me aventuro a ilustrar um processo de ocupação e investigação do espaço de uma maneira lúdica e divertida.



CAPÍTULO 1 – EIXOS BÁSICOS DA PESQUISA

Brincar na Infância

Começo essa investigação falando da infância, por ser um dos pontos que me mobilizou no processo de escolha do contexto dessa pesquisa. A infância me remete a dois momentos em minha vida, o primeiro é a minha própria infância e o segundo foi a breve experiência, de três semestres, que tive com crianças em meus estágios da licenciatura. Tanto nas minhas recordações quando criança, quanto ao observar os alunos nas escolas que estagiei, enxergo a infância como um período de criatividade, autenticidade, sensibilidade e regado pela poética do imaginário. Me lembro com muita clareza das brincadeiras que inventava, dos brinquedos que construía, da goiabeira no quintal da minha casa e dos amigos que me acompanhavam. Na última escola que estagiei, Prof^a Maria Alice Colevati Rodrigues⁵, todas as salas possuíam uma estante de livros infantis, que ficavam à disposição dos alunos, sempre que podia folheava um livrinho, sozinha ou acompanhada por alguns alunos. A delicadeza da literatura infantil me atrai e foi um dos motivos que me fez escolher o universo da infância como um dos eixos deste trabalho.

A infância também será um ponto de partida como forma de sensibilização a partir da memória. Se não estamos desfrutando desse período, já passamos pela infância e carregamos em nossa mente e corpo recordações do que vivenciamos. É como Uxa Xavier explica suas próprias percepções “meu corpo é ainda meu melhor caderno de anotações, ao qual posso recorrer ao buscar minhas lembranças” (XAVIER, 2018, p.19), e é justamente o acesso a essas memórias físicas e cognitivas que desejo, para tornar possível a aproximação do universo permeado por essa pesquisa.

Trazer a lembrança da fisicalidade da infância está em resgatar a sua corporeidade, a inventividade dos movimentos e liberdade dos gestos feitos pelo corpo nesse período, também presentes na ação do brincar que é, por sua vez, outro eixo deste trabalho, ocupando o lugar de recurso processual e fonte criativa. No desenvolvimento a partir da estratégia freinetiana de Aula Passeio, a ação do brincar

⁵ Escola estadual de ensino fundamental, localizada na região leste do município de Campinas

é dada como um possível caminho natural e lúdico no percurso da prática, uma vez que o brincar e seu movimento imaginativo podem ser considerados um meio de desenvolvimento e aprendizagem, como também aponta outro importante educador, Vigotski,

A brincadeira é fonte do desenvolvimento e cria a zona de desenvolvimento iminente. A ação num campo imaginário, numa situação imaginária, a criação de uma intenção voluntária, a formação de um plano de vida, de motivos volitivos - tudo isso surge na brincadeira, colocando-a num nível superior de desenvolvimento [...] (VYGOTSKY, 2008, p.35)

E ainda trago o brincar como fonte criativa, pois em uma proposta vivenciada pelo corpo, o movimento é o fenômeno a ser explorado. Como Georgia Lengos afirma "brincadeira de criança é cheia de movimentos" (LENGOS, 2016, online). Dessa forma, também me valho da ação do brincar como estímulo na geração de repertório de movimento, que me interessa, não apenas por ser rico em possibilidades exploratórias, mas também por ser uma ação legítima da criança. O brincar requer autonomia, espontaneidade e ousadia, gerada de dentro para fora compreendê-lo, é ter abertura corporal para vivê-lo. (MEIRELLES, 2011, p.01)

Dança na Escola

A arte contemporânea surge e se desenvolve em meio a diversidade e em constante desconstrução, com os princípios básicos de criação, renovação e expressão interdisciplinar. Reconhecida como área de conhecimento e necessária na formação acadêmica, o exercício da arte no ambiente escolar não tem a função de gerar artistas, mas sim de ampliar o potencial corporal, criativo, expressivo e sensível dos alunos que se envolvem com os conteúdos sempre construindo um diálogo com o ambiente em que vivemos. As escolas formais diferenciam-se, portanto, de espaços que ensinam a arte a partir de diretrizes técnicas e performáticas, como estúdios e escolas artísticas profissionalizantes. Há diferentes linguagens do campo artístico/cultural presentes no ensino formal, como prevê a lei 13.278/2016, que inclui as artes visuais, a dança, a música e o teatro nos currículos dos diversos níveis da educação básica, mas a obrigatoriedade do ensino das quatro áreas oferecido por professores especializados só foi regulamentada pela lei 9.394/1996. Dessa forma cada uma dessas linguagens deve ser descoberta e explorada autonomamente com

elementos próprios de cada área. A dança é uma dessas linguagens que busca novas possibilidades de comunicação de ideias, sentimentos e sensações, através de processos individuais e relacionais, cultivando a memória, imaginação, criatividade e expressividade a partir de movimentos experienciados pelo corpo, principal lócus de conhecimento dessa expressão artística. No cenário de ensino formal e infantil, busco questionar justamente a qualidade de presença e desenvolvimento desses saberes, refletir sobre como são ensinados, explorados e em quais espaços são vivenciados e ainda procuro indagar se na escola está sendo de fato superada a supremacia das Artes Visuais, a fim de compreender, portanto, o campo de participação de todas as manifestações artísticas obrigatórias – dança, música e teatro -, analisar os diferentes recortes existentes dentro do ensino da arte na escola pública.

Como ponto de partida para esse reconhecimento trago um relato pessoal: nos últimos dois anos durante os estágios da graduação, tive um breve contato com a dança no ambiente escolar, uma pequena amostra de um quadro geral do ensino das artes na escola formal. Essa curta experiência, de modo geral, me remeteu a uma prática metodológica antiga, tradicional em seus princípios relacionais e pedagógicos, que apesar de ainda ser uma realidade em muitos espaços escolares, é considerada ultrapassada pelo olhar dos educadores de parâmetros mais contemporâneos. A metodologia tradicional prioriza em primeira instância a ordem e a disciplina, tendo como referência de uma classe exemplar, aquela que está sempre em silêncio, organizada e obediente; já o bom professor é considerado aquele que consegue manter a sala sob controle o maior tempo possível. Baseados nessa demanda “professores e diretores lançam mão da imobilidade física como punição e da liberdade de se movimentar como prêmio” (STRAZZACAPPA, 2001, p.70). O castigo de não poder falar, sair, levantar, brincar ou qualquer coisa que fuja do padrão disciplinar da imobilidade, no caso o silêncio estático, é dado ao aluno que justamente fala, sai, levanta e brinca sem permissão ou fora de hora - portanto, a necessidade de se mover que nos caracteriza, especialmente na idade infantil e primeiro ciclo escolar, adequa-se ao controle estabelecido, desconsiderando os impulsos mais autênticos e naturais.

No entanto, há disciplinas que dependem de um amplo deslocamento do corpo e, para manter o controle em ambientes espaçosos, os conhecimentos são abordados de maneira o mais direcionadas possível; “por vezes, podemos testemunhar o corpo sentado em sua passividade até mesmo nas disciplinas de educação física e artes

corporais” (MILLER, 2014, p.7), é nesse momento que o conteúdo a ser trabalhado é

exageradamente codificado, a fim de limitar prováveis variações dos alunos que certamente levariam a uma maior agitação ou “desordem”. A dança é um exemplo dessas práticas e geralmente os materiais abordados seguem sob os mesmos recursos de controle e obediência. Em aulas regidas por metodologias que priorizam o trabalho quantitativo, a dança é transmitida através da reprodução de códigos de movimentos pré-estabelecidos pelo professor, dadas como coreografias ou exercícios técnicos, distante de uma relação propositiva e investigativa do educador e do aluno, que possa vir a se estabelecer a partir de “diálogos dançantes propostos pelos artistas/docentes que problematizam movimentos, possibilitam escolhas, incentivam criação pessoal e coletiva” (MARQUES, 2014, p.237) - abrindo espaço para a manifestação independente do aluno através das arte, livre de reproduções formatadas.

Compreendo que o código de movimento, quando imposto pelo professor, coloca em segundo plano a bagagem vivencial e percepção individual do aluno, desconsiderando as inevitáveis referências encontradas no ambiente externo à escola. Para aproximar dessa ideia, retomo minha experiência pessoal. Ainda como estagiária, trabalhei com crianças de dez a doze anos; atentei-me a investigar o que aquelas crianças entendiam por dança. As referências mais presentes foram o Funk e K-Pop (ritmo pop coreano), ambos representados no ambiente escolar e o segundo, inclusive, desconhecido por mim e a maioria das professoras. Tratar dessas referências foi importante para estabelecer um ponto de partida em comum. Seria de maior complexidade tratar a dança usando referências completamente distantes do interesse desses alunos, como o balé clássico, por exemplo. Construir um processo de prática e aprendizagem junto com o aluno, faz parte do que acredito ser um caminho mais orgânico, que respeita e leva em conta as individualidades e as referências culturais dos educandos, além de transportar o professor para uma posição de constante pesquisador, que necessita estar disponível e flexível ao desenvolver uma trajetória fluida à caminho de descobertas de novos conhecimentos.

Um trabalho que se aproxima dessa ideia de inclusão do aluno no processo de construção da proposta pedagógica, é o desenvolvido por Ana Carolina de Araujo⁶, mestre em Artes da Cena pela Unicamp, que criou um caminho fluido para o processo

⁶ Graduada em Dança e mestre em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, é professora de dança no ensino fundamental I na rede pública de ensino.

de criação com crianças do ensino formal em seu projeto de mestrado intitulado “Vídeo Dança na Escola: Processos de Criação entre crianças e uma artista docente no ensino fundamental I”. Também me identifico com esse trabalho por utilizar os espaços da escola como meio de exploração, conforme a própria pesquisadora coloca no trecho de sua dissertação - “era urgente descobrir os lugares para dançar na escola, lugares outros, que certamente existiam. Transformei esta investigação em um processo criativo” (ARAUJO, 2019, p. 26).

O questionamento sobre conteúdos trabalhados em uma aula de dança não é um ponto de partida apenas para o professor, também pode ser dialogado com os alunos a ideia de investigar possibilidades desconhecidas de maneira independente, tornando-o sujeito do seu próprio processo de aprendizagem através de um desenvolvimento conjunto com professor e a escola, assim como o princípio dado por Marcondes “as crianças são nossas parceiras de pesquisa, de trabalho, de brincadeira, de criação” (MARCONDES, 2017, p.56). Uma forma de fazê-lo que vem sendo utilizada por artistas pedagogos, é através de perguntas que estimulem a percepção e o imaginário, levando a um segundo momento em que a criatividade é explorada e expressada pelas linguagens artísticas em estudo. Ressalto que atualmente existem projetos de incentivo a iniciação a docência, que contemplam diferentes cursos de licenciatura e suas propostas didático-pedagógicas para a inserção do licenciando no meio profissional, como o PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, uma organização que promove o diálogo entre a universidade e as escolas de educação básica da rede pública de ensino; no contexto da dança o PIBID,

contribui para a formação de docentes cada vez mais engajados na construção de um pensamento sobre corpo e movimento que dialoga com a educação formal no âmbito das artes, assim como com os alunos lá inseridos e suas particularidades corporais, artísticas e educacionais. (LAMBERT e col., 2018, p.112)

O PIBID propicia uma prática docente que fortalece o ensino das artes como área de conhecimento fundamental, e prepara futuros professores de maneira mais eficiente para o trabalho de conteúdo específicos na linguagem da dança.

Certamente é menos complexo elaborar e transmitir códigos coreográficos já pré-organizados em uma aula de dança, do que alcançar o equilíbrio entre considerar o interesse do aluno e a investigação de novas perspectivas, porém a segunda opção tem maior chance de estabelecer um envolvimento das crianças e,

consequentemente, o vínculo e apropriação do ambiente escolar, além de claramente contribuir para uma educação de princípios mais ampliadores e cidadãos. A construção e desenvolvimento de uma aula sempre será um processo de formação contínua tanto para o aluno quanto para o professor, visto que os corpos serão permanentemente distintos e o mundo estará em constante renovação. Entender essa dinâmica também significa estar atento aos ensinamentos intrínsecos que perpassam a interação ensino-aprendizagem; independente de permitir ou negar, qualquer ato educativo sempre carregará uma mensagem, uma ideologia e valor, que servirá como objeto para educação, portanto é válido refletir sob que circunstâncias nossos alunos e professores estão sendo formados (ou formatados). Quais parâmetros embasam nossas ações docentes? O que elas potencializam ou restringem?

Pedagogia Democrática

Entre tantas possibilidades de propostas pedagógicas que fundamentam o trabalho do professor, escolho apresentar alguns princípios da pedagogia democrática, que vão ao encontro da proposta dessa pesquisa, uma vez que valorizam o ensino das artes, o envolvimento dos alunos na construção do processo de aprendizagem e o espaço escolar como verdadeiramente público.

Dentro da abordagem democrática há aberturas para o desenvolvimento de uma vivência artística, dado que boa parte de sua estrutura pedagógica é apresentada por sua organização curricular que em um pensamento democrático aponta interações entre as múltiplas áreas do conhecimento de forma igualitária, considerando a prática de manifestações artísticas tão necessárias quanto às disciplinas convencionais (português, matemática, ciências, história, etc.). Contrário ao que propõe a pedagogia democrática, nosso sistema educacional básico é dividido em ciclos seriados⁷, que classificam os alunos por faixa etária. Essa dinâmica conciliada com a progressão continuada transfere o mau desempenho educacional para o aluno, que por sua vez não possui participação ativa no desenvolvimento das atividades. Ainda que por intermédio do professor, o aluno requer espaço para contribuir na construção de sua própria autonomia e liberdade de criar e aprender; “o educador também não pode ser

⁷ A **Educação Básica**, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da **Educação** (LDB - 9.394/96), passou a ser estruturada por etapas e modalidades de ensino, englobando a **Educação** Infantil, o Ensino Fundamental obrigatório de nove anos e o Ensino Médio.

um mero repetidor de conteúdos, mas deve buscar a forma mais adequada para criar no educando a vontade de aprender” (PARO, 2007, p.10), estabelecendo assim uma relação mais próxima e eficiente.

No cotidiano de uma sala de aula que prioriza o currículo e didática proposto pela pedagogia democrática, é necessário assumir a quebra da monotonia da classe tradicional, onde o professor se coloca à frente dos alunos que se mantêm sentados e enfileirados praticamente o turno inteiro. A transformação do ambiente escolar para um lugar de maior movimentação e diversidade, proporciona ao aluno o interesse em habitar este espaço não apenas por presença obrigatória, mas como uma participação efetiva de seu funcionamento. “Assim, ele não é mero *cliente* de uma sala de aula, mas cidadão de toda uma escola” (PARO, 2007, p.11), que ao ser apropriada por todos que a circundam, reforça seu espaço como um potente agente fornecedor de maiores recursos na composição do aprendizado.

O processo de democratização de uma instituição de ensino, não sofre alterações apenas na sala de aula, mas na escola como um todo. No campo administrativo e didático existem as “atividades fins” e as “atividades-meio”, como classifica o educador Vitor Paro (1945), os setores da docência e direção respectivamente. Nas atividades fins estariam as relações pedagógicas diretas entre professor e aluno, já nas atividades-meio se enquadram as funções administrativas que oferecem suporte às atividades fins. Em nenhuma dessas esferas a administração é dada a um único e incontestável dirigente. Portanto, existe a necessidade da comunicação entre funcionários docentes e não docentes, a fim de conciliar recursos e procedimentos necessários para o desenvolvimento de um plano pedagógico. Conforme esclarece Paro “para que a administração efetivamente se realize, é imprescindível que os meios utilizados não se contraponham aos fins visados” (PARO, 2007, p.5)

A apropriação da escola em um contexto democrático se dá por parte da discência, docência, gestão e comunidade. Mudar o olhar dos pais ou responsáveis dos alunos em relação ao espaço escolar é fundamental, já que na maioria das vezes, nas escolas tradicionais, focadas no conteudismo e autoritarismo, estes estão presentes na escola apenas para resolver questões disciplinares do estudante. Esta aproximação deve ser possibilitada pela instituição através de medidas que busquem incluir os familiares, como a flexibilização dos horários das reuniões, conciliando com

o expediente de trabalho dos responsáveis; estabelecer um diálogo simples e acessível com todos, uma vez que alguns possam se sentir inseguros por sua baixa escolaridade e a organização de grupos que possam assumir o papel de representantes da comunidade. É função da escola estar envolvida com o meio que seus alunos estão inseridos, não só tratando de questões presentes no interior de seus muros, entender e assumir essa responsabilidade é construir um espaço com medidas formais que não banalizem os aspectos sociais de sua comunidade. A escola pública precisa ser ocupada pelo seu meio externo abdicando de qualquer ação autoritária, pois uma organização democrática é propriedade de todos, como um princípio de cidadania.

É possível notar, no entanto, que certos traços da pedagogia democrática estão presentes nos modelos educacionais tradicionais do ensino público atual, apesar das falhas na execução é notável a tentativa de implementações que envolvem características da pedagogia democrática. Conselhos de pais e mestres, grêmio estudantil e conselhos de classe, são exemplos de medidas populares a bastante tempo no ensino público, que buscam a interação de todos os setores da escola e seu meio externo. Entretanto, esses projetos, iniciados com intenções democráticas, se tornaram aos poucos burocratizados, ocupando cada vez mais o lugar de mera formalização a fim de atender demandas do sistema, lamentavelmente perdendo a força para alcançar seus reais objetivos.

Tratar de critérios democráticos diante da nossa realidade ainda parece utópico, mesmo que tenhamos exemplos de organizações bem sucedidas pedagogicamente, uma atuação mais progressiva e antiautoritária ainda não se tornou proposta educacional difundida em grande escala, ao mesmo tempo que nos provam que o ensino democrático não é apenas uma teoria, mas sim uma prática possível.



A Pedagogia de Célestin Freinet

Dentro da compreensão do que é uma pedagogia democrática, existem diferentes registros de práticas e conceitos que se enquadram nessa perspectiva de ensino e aprendizagem. Dentre diversos educadores⁸, trago como referências o pedagogo francês Célestin Freinet (1896-1966) que, mesmo fazendo parte de outro contexto histórico, já pensava a educação de uma forma igualitária e atemporal. Nascido no campo em um vilarejo chamado Gars, filho de agricultores, cresceu em meio a natureza, e desde cedo trabalhou com seus pais no cultivo e criação de animais, vivências que influenciaram diretamente no modo como ele enxergava o mundo e posteriormente no desenvolvimento de seus conceitos pedagógicos. Lecionar sempre foi um desejo de Freinet, mas sua formação profissionalizante foi interrompida pelo início da Primeira Guerra Mundial. Mesmo depois de servir ao exército francês, não desistiu de se tornar um professor, continuou seus estudos e logo deu início a sua carreira dando aulas em uma escola tradicional num povoado dos Alpes Marítimos. O cenário de ensino desta escola provocou um grande descontentamento em Freinet, devido a sua organização inflexível, movimentação mecânica, atuação autoritária dos professores e passividade dos alunos. É nesse momento que Célestin Freinet questiona e investiga novos meios de ensino.

Uma de suas observações foi em relação a forma expositiva e imposta de transmissão de conteúdo, formato que vai de encontro com seu princípio de aprendizagem por um caminho natural. Pensar o ensino de uma forma natural e prática é uma característica marcante de Freinet, em muitos de seus registros ele explica suas premissas através de metáforas criadas a partir de suas vivências com o trabalho no campo, principalmente na criação de animais. Essa perspectiva sutil da criação no ambiente natural, conversa com um dos propósitos dessa pesquisa, qual seja, de investigar caminhos orgânicos de exploração de movimentos autênticos na dança, que para mim são considerados movimentações livres de imposições e represárias internas ou externas (na sua proposição pedagógica) seguindo apenas o impulso natural da necessidade de semover. Freinet utiliza diferentes situações do campo para exemplificar seu pensamento de aprendizagem por uma via simples e natural, como quando ele conta “A história do

⁸ Paulo Freire (1921-1997), Jean Piaget (1896 - 1980), Liv Vygotsky (1896 - 1934), Maria Montessori (1870 - 1952), José Carlos Libâneo e outros.

cavalo que não está com sede” para demonstrar que um aluno sem interesse não irá absorver qualquer conteúdo imposto a ele, e cabe ao educador estimular o desejo de aprender em seu educando - “a esta hora da manhã o cavalo não tem sede; ele precisa é de uma luzerna fresca. Deixe-o comer até ele se fartar. Depois ele vai ter sede e você vai vê-lo galopar para o bebedouro.” (FREINET, 2004, p.17)

Outra crítica de Freinet foi em relação ao ensino baseado em conceitos distantes da prática. Um processo de aprendizagem precisa mais do que a teoria para ser consolidado, também é necessário a ação dinâmica do conhecimento “Infeliz educação a que pretende, pela explicação teórica, fazer crer aos indivíduos que podem ter acesso ao conhecimento pelo conhecimento e não pela experiência” (FREINET, 2004, p.38). Para uma dinâmica de trabalho prático no desenvolvimento de qualquer processo de aprendizagem, é preciso espaço e movimento, diferente de um sistema mecanizado onde a criança se encontra “passiva e ajuizadamente na prisão das carteiras, calmas e silenciosas nos pátios nus que tanto se parecem com os galinheiros de tela” (FREINET, 2004, p.40). Essa passividade do aluno é o caminho para sua alienação, permitir a dignidade de seus próprios pensamentos, é exercer democraticamente a educação que vai contra a formatação de indivíduos, devolvendo a sociedade seres pensantes e criadores que ocupam e se apoderam de espaços de maneira livre e consciente.

Saindo da sala de aula

O desenvolvimento do conceito de Aula Passeio, uma das propostas pedagógicas singulares de Freinet, não se deu apenas pela escolha em oferecer uma dinâmica de aula mais fascinante, também foi uma necessidade, pois ao voltar da guerra, Freinet enfrenta problemas nos pulmões que afetam a sua respiração; aulas convencionais e expositivas seriam inviáveis devido a sua pouca resistência. As aulas fora da sala permitiram que Freinet se dedicasse de maneira mais branda e efetiva, de modo que sua atenção era direcionada com maior precisão em grupos menores de alunos. Além de proporcionar às crianças uma experiência de liberdade, ao buscar o conhecimento através do que lhes é convidativo, fora do espaço formal e rotineiro.

As possibilidades em um ambiente externo são muito maiores do que em um cômodo onde todas as atividades são feitas diariamente. Mesmo um espaço habitual pode ser desconhecido quando o olhar para ele é explorado de formas diferentes,

buscar novas perspectivas de um ambiente é buscar novos estímulos para aprender e criar. Pensando assim, até mesmo dentro da sala de aula é possível encontrar novas alternativas, a simples movimentação das carteiras pode ser uma nova fonte de estímulo para os alunos. Entretanto, o sair da sala também significa a ocupação de espaços públicos, seja dentro ou fora da escola, afinal o pátio pertence a todos os alunos da escola assim como a praça pertence a todos os moradores do bairro. Entender o direito do seu movimento dentro desses espaços, é um ato de empoderamento e cidadania.

Sair é o ponto de partida para a experiência de uma Aula Passeio, uma vez fora, seja da sala de aula ou do confortável cotidiano, damos sequência a essa caminhada. Ao sair, nos deparamos com o espaço, que passa a ser o nosso principal elemento na investigação de estímulos para criar e aprender, por isso é fundamental a construção da relação do espaço com quem o ocupa. É no diálogo entre esses dois elementos que despontarão descobertas de novas possibilidades. O início dessa troca se dá pelo reconhecimento desse ambiente, o que ele me oferece? Texturas, relevos, paisagens, matérias... A leitura dada a cada item observado é determinante no desenvolvimento do diálogo com o espaço, refere-se a como o indivíduo é afetado por aquilo que vê. O olhar, nesse caso, é o fator sensível que conecta as duas partes.

Depois do reconhecimento, é necessário o abandono da passividade ao observar, neste momento o olhar passa a ser questionador, não apenas recebendo, mas devolvendo o estímulo para o que foi captado pela sua atenção. Questionar é o exercício de explorar as diferentes possibilidades de sentido e funções das coisas, como as crianças, que retomando dizeres da professora de dança para crianças Uxa Xavier, podem ressignificar objetos e lugares para criarem jogos e suas moradas imaginárias, por exemplo, transformar um banco em uma cama, cabana, esconderijo ou mesmo em uma passagem (XAVIER, 2014, p.5). Considero essa capacidade um exercício, pois a nossa tendência natural é olhar para tudo objetivamente. Sendo necessário o trabalho de resgatar essa habilidade, que todos já tivemos um dia, de transformar o que se vê, livre das influências externas acumuladas ao longo da nossa existência.

[...] a história da percepção vai fazer com que, pouco a pouco, eu não possa mais reinventar os objetos do mundo, minha projeção vá associá-los sempre da mesma maneira. Ou seja, vejo sempre a mesma coisa, sempre através do filtro da minha história. Portanto, poderíamos dizer que há uma

“neurose do olhar”. Algo que diria respeito ao fato de que meu olhar não é mais capaz de voltar a desempenhar uma subjetividade em sua relação com o mundo. (Godard, 2004, p.73)

Assim, o desafio em estabelecer uma relação com o espaço, é acessar a capacidade do olhar subjetivo. A partir dele, permitimos a exploração dos elementos disponíveis no ambiente através da totalidade do imaginário. A construção dessa relação entre o observador e o espaço, é o caminho que liberta nossa percepção do filtro racional e objetivo, que define a “neurose do olhar”. Essa conexão é estabelecida através da troca, como uma simples dinâmica de conversa, onde há o lugar da escuta e da resposta. Assim como coloca Nelson, “Encontro-me num diálogo ativo tanto com a originalidade chocante dos detalhes das minhas circunstâncias locais como com a imagem associativa - a memória no corpo - que desencadeia quase simultaneamente” (NELSON, 2002, n.p.). Na prática, é perceber de que maneira o espaço nos instiga, e responder a esse estímulo de acordo com a imagem que o imaginário, apoiado na história corporal de cada um, formula como resposta.

Atravessar o espaço e permitir ser atravessado por ele, deve ser um caminho natural, onde não existem limites para o direcionamento do foco, nem sofrer imposições externas ou internas. O olhar é levado para aquilo que desperta o interesse, e não necessariamente tudo o que há no espaço provocará a atenção. Permitir essa escolha, é estar livre para encontrar novas possibilidades e perspectivas na construção do próprio saber, e é o único meio de gerar o desejo de experimentar aquilo que se descobre ou cria.

Aprendizado pela Ação

O observar é um dos primeiros passos desta proposta de Aula Passeio, seguindo o caminho, somamos a ação como mais um recurso para explorar e aprender. Sair e se deparar com o espaço, em um ambiente escolar, é um ato conjunto, em que o grupo se expõe como um único corpo, por isso mais do que possibilitar a livre observação do aluno, é necessário que ele tenha autonomia para interagir com os estímulos que lhes afetam, de acordo com suas particularidades. Essa é mais uma estratégia desenvolvida por Freinet, a expressão *livre*, que além de permitir e respeitar a individualidade de cada criança, concede abertura para que o

aluno descubra a sua própria maneira de se comunicar, o exercício de encontrar essa singularidade é experimentando, o agir em uma Aula Passeio é a experiência.

Ver para as crianças não é apenas olhar, ainda que escutem dos adultos “olhem com os olhos” na maioria das vezes já estão pedindo com as mãos postas “deixa eu ver?”. Outros sentidos do corpo também são usados na exploração desse passeio, através do olhar as crianças captam o que as instigam, e com as outras partes de seus corpos, experimentam o mundo, sem nomeá-lo, apenas intrigando-se (SAURA, 2020, p.2). O corpo coloca em prática o que o imaginário ressignifica, se o banco virou cama, por que não deitar sobre ele? ou saltar pequenas pilastras, pendurar no corrimão, encostar o rosto no tronco da árvore, girar olhando pra grama, girar olhando pro céu, sentar no muro, entrar em uma caçamba. Agora o reconhecimento do espaço vai além do observar, ele também imagina e experimenta.

O visível e o cinestésico, absolutamente indissociáveis, farão com que a produção de sentido no momento de um acontecimento visual não deixe intacto o estado do corpo do observador: o que vejo produz o que sinto e, reciprocamente, meu estado corporal interfere, sem que eu me dê conta, na interpretação daquilo que vejo. (GODARD, 1995, p.24)

Submeter o corpo a diferentes vivências é transformá-lo em um canal por onde qualquer aprendizado se concretiza, “é a partir do corpo que iniciamos nossos diálogos, investigações e percursos com outras áreas de conhecimento” (XAVIER, 2018, p.22), portanto o corpo é reconhecido como sujeito, por ser o instrumento de investigação em um processo exploratório de aprendizagem. E há uma certa bravura em se sujeitar a experienciar, exige uma disponibilidade em ser afetado e uma ousadia em responder a provocação, “o sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião.” (LARROSSA, 2002, p.25). Por meio da expressão *livre*, a ação vivenciada torna legítimo o conhecimento teórico. Priorizar o conceitual em relação ao corpóreo, “produziria apenas doentes do corpo e do espírito, falsos intelectuais inadaptados, homens incompletos e impotentes” (FREINET, 1991, p.42)

Tendo o corpo como sujeito, o movimento se torna objeto, portanto, a consequência da ação do sujeito. No contexto da Aula Passeio, o movimento não será uma reprodução pré-estabelecida, mas sim o resultado da investigação que observa, interage, experimenta, cria e aprende. Uma construção, segundo Miller

que não se encontra a partir da imagem refletida no espelho da sala de aula de dança, mas a partir da experiência do corpo próprio vivenciado com suas limitações, desejos e com todo o histórico do indivíduo em ação investigativa a partir de sua interioridade e singularidade (MILLER, 2013, p.11).

Somente um processo que considera e permite a individualidade de cada sujeito, desenvolverá objetos autênticos e espontâneos, sendo benéfico não apenas para o percurso particular de aprendizagem do aluno, mas para uma construção de saberes que reconheçam e valorizem a potencialidade da singularidade humana.



CAPÍTULO 3 – A AULA PASSEIO DANÇANTE

A Memória e o Movimento da Infância

Venho apresentando a dinâmica da Aula Passeio e princípios freinetianos. Agora, procuro aproximar esses conceitos com o ensino da dança na escola, trazendo um olhar específico para o movimento, partindo de uma leitura da infância. Sustento minha fala entrelaçando o pensamento de Freinet a citações de artistas e educadores contemporâneos, marcando a atualidade de suas proposições e reflexões.

Considerar a infância nessa pesquisa é relevante por ser o solo comum entre toda e qualquer pessoa de aprendizado pelo movimento. Todo corpo possui registros da criança que já foi e da infância que viveu em sua construção corporal. Partindo desse solo comum, a Aula Passeio acontece através de um diálogo horizontal entre professor e aluno, sem hierarquias, permitindo inclusive, que o professor não ocupe apenas o papel de proponente, mas também de explorador. Buscar o contato com suas memórias da infância, é compreender e possibilitar a própria expressão livre e a de seus educandos. Também é uma maneira sensível de considerar o contexto dos alunos e compreender as distinções sociais presentes em suas múltiplas infâncias. Nesse sentido a escola, como direito de toda criança e adolescente⁹, se tornará o ambiente com alcance para proporcionar experiências favoráveis para o progresso de uma infância digna.

"Se você não voltar a ser como uma criança..." não entrará no reino encantado da pedagogia... Em vez de procurar esquecer a infância, acostume-se a revivê-la; reviva-a com os alunos, procurando compreender as possíveis diferenças originadas pela diversidade de meios e pelo trágico dos acontecimentos que influenciam tão cruelmente a infância contemporânea. Compreenda que essas crianças são mais ou menos o que você era há uma geração. Você não era melhor do que elas, e elas não são piores do que você; portanto, se o meio escolar e social lhes fosse mais favorável, poderiam fazer melhor do que você, o que seria um êxito pedagógico e uma garantia de progresso. (FREINET, 2004, p.24)

⁹ Artigo 53 da Lei nº 8069 de 13 de julho de 1990

Art. 53. A criança e ao adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho.

Ainda acessando o arquivo de memórias da infância, resgatando as memórias celulares, que não são só memórias de recordações e histórias, mas as da fisicalidade. (LENGOS, 2020, on-line), também é uma forma de aproximar a corporeidade do professor a do aluno, tornando a conduta da Aula Passeio mais próxima da linguagem da criança, que busca percorrer um caminho mais lúdico e sensível na ocupação e interação com o espaço. Associo este caminho com a ação do brincar na infância, recordando que o conceito de Aula Passeio estabelecido por Freinet, tem relação direta com a ação brincante da criança, como ele explica no trecho:

As crianças poderão tatear ou experimentar à vontade: enterrar-se no lodo de um fosso e de lá sair, por si próprias; saltar um muro, escalar rochedos, trepar em árvores, fazer festas a um cão, subir um tronco ou montar um cavalo, seguir a charrua, correr atrás das borboletas, apanhar flores, brincar na terra ou à beira de água... Tudo lá estaria: exercício dos membros, agilidade do corpo, habilidade e harmonia dos gestos na sua finalidade natural, construção da vida pessoal a partir de um meio real. (FREINET, 1976, p.224)

Um processo orgânico de aprendizagem, no qual o corpo está vivo e participante. Freinet coloca como “caminho natural”, que se dá a partir de atividades para as quais nós entregamos totalmente e que proporcionam as alegrias mais exaltantes, sendo por consequência as mais efetivas. Em contato com esse saber, educadores de hoje seguem reforçando que “O brincar como linguagem da criança é a forma como ela vive e in-corpora esses conhecimentos.” (MENEZES, 2020, p.1), é um dos primeiros meios que usamos para nos comunicar, é como assimilamos e respondemos aos estímulos externos do mundo.

O movimento que emerge da criança através da ativação do imaginário no contato com o espaço por meio da Aula Passeio, é de qualidade espontânea, por representar a compreensão única que ela mesma desenvolve do que está ao seu redor, é como expressa a pedagoga e especialista na temática de linguagens expressivas da infância Adriana Friedmann, “Elas vivenciam tramas, cenas e personagens e vão perfazendo seu próprio repertório da vida. Muito além da técnica ou da sistematização - no caso do corpo, do movimento ou da dança, por exemplo” (FRIEDMANN, 2017, p.2). As crianças também brincam imitando as ações que presenciam, elas criam narrativas baseadas na realidade que as cercam, se movimentam e reproduzem gestos que foram absorvidos de seu cotidiano ao inventar

histórias e ressignificar o espaço à sua volta através do imaginário. A gestualidade, por sua vez, também é uma forma de expressão, como quando se mergulha no mar em meio ao pátio de concreto, ou ao galopar em um cavalo imaginário. Nesse universo inventado, existe um estado de presença único, que possibilita um envolvimento com maior legitimidade no caminho de exploração na Aula Passeio.

As movimentações que surgem a partir da ação do brincar, também podem ser exploradas, assim como é possível criar e recriar os significados de objetos e lugares. Seja nas brincadeiras idealizadas pela própria criança, ou por aquelas antigas que são ensinadas de geração em geração, todas exigem diferentes tipos de movimentações. Na clássica amarelinha, por exemplo, a criança pula e se equilibra - imaginando, dá pra fazer um chão todo de amarelinha (LENGOS, 2016, online), e descobrir as várias formas de pular e se equilibrar, brincando com as distâncias, os obstáculos, as velocidades... Até os brinquedos são uma inspiração para se movimentar, o giro do pião pode ser o impulso para descobrir novas formas de girar: com o corpo todo, só com os braços, só com a cabeça, rodar saltando, rodar em outros níveis, para diferentes direções e o que mais a investigação permitir.

A dinâmica de descoberta de novas movimentações por meio do brincar dispõe de qualidades fatoriais de movimentos. Utilizo como referência os fatores propostos pelo dançarino e pesquisador de fundamentos expressivos do corpo Rudolf Laban, que considera a fluência, o espaço, o peso e o tempo (e suas combinações) como os quatro principais fatores qualitativos na ação consciente ou inconsciente de se movimentar. Na experiência da Aula Passeio a partir do corpo, proponho a investigação das gradações dessas qualidades, no fator Tempo por exemplo, existe uma gradação entre a pausa e o ágil ou o acelerado “Apesar de cada fator de movimento ser composto por duas polaridades, as qualidades são consideradas nas suas infinitas gradações entre uma possível polaridade e outra.” (RANGEL e col., 2017, p.25). Pensando nesta base de funcionamento dos movimentos, acredito ser possível transformar a ação do brincar em respostas corporais que entendo como dança, mediante a indagações que provocam a escolha de intenções de como, quando e onde se movimentar, tornando viável um entendimento orgânico do conceito qualitativo do movimento e sua diversidade.

A vivência da Aula Passeio a partir do corpo e da imaginação é a própria ação do dançar, ao ocupar o espaço reconhecendo seus elementos e permitindo ser afetado por eles; quando se estabelece um diálogo com o que é observado a partir do

olhar sensível; ao permitir que a imaginação transforme o espaço propiciando um estado de plenitude da experiência, e quando o corpo responde investigando novas possibilidades para se expressar de forma autêntica e natural. A estratégia freinetiana de Aula Passeio, investigada e sugerida por essa pesquisa, procura relacionar os princípios da pedagogia democrática com dispositivos e conceitos colocados por artistas e professoras contemporâneas que desenvolvem trabalhos com crianças a partir da infância e da ação do brincar. Busca provocar a mobilidade do aluno para descobrir e ocupar o espaço escolar, de uma maneira livre e criativa, e despertando o entendimento do seu próprio corpo em movimento, como a professora de dança para crianças Beth Bastos afirma, a criança descobre que tem tamanho, dimensões, peso, frente/trás, cima/baixo, lados... (BASTOS, 2020, online); que na sua interação com o espaço ela o compreende “como mediador das relações humanas/sociais” (XAVIER, 2014, p.4) e que dançar é se comunicar e expressar algo que nos é muito importante e valioso, pois como a pesquisadora e educadora do movimento Daraína Pergnolatto

coloca, “todo nosso movimento é reflexo ou reflete nossa relação conosco e com os outros” (PERGNOLATTO, 2014, p.3). É um processo que conduz a descoberta e apropriação do corpo, conscientizando-se sobre o seu poder de ocupação do meio em que vive e possibilitando que o indivíduo escolha, ele mesmo, o caminho por onde seguirá, sem trela, nem corrente, nem barreira. (FREINET, 2004, p.22), é a garantia e preservação de seus direitos como cidadão.

Um Passeio Dançante

Até esse momento da pesquisa, esclareço os princípios do processo de uma Aula Passeio. Apresento agora, uma breve proposição do que seria a prática de uma Aula Passeio, não apenas como uma condução de uma aula de dança para crianças no ambiente escolar, mas como um exercício que pode ser experienciado por qualquer pessoa que permita se envolver e desfrutar da vivência que nomeio como Passeio Dançante.

Para começar, é importante analisar como esse passeio pode acontecer e investigar quais os possíveis caminhos que podem ser percorridos. Se irá para um lugar próximo ou distante, se será dentro ou fora, se alguém lhe acompanhará ou se irá sozinho, se será um local novo ou conhecido e até se precisará se deslocar fisicamente ou se apenas poderá transportar a sua imaginação para chegar ao lugar escolhido.

A primeira busca por estímulos vem da contemplação, que é uma ação muito presente no universo infantil; é um momento onírico e potente que amplia a imaginação, seja qual for nossa idade (XAVIER, 2014, p.4). Num primeiro momento, será um olhar passivo para o que está à sua volta - sons, cheiros, formatos, cores, pessoas, animais, construções, natureza - tudo que chega aos seus olhos, ainda sem o esforço da procura, como uma forma de reconhecimento inicial do local do passeio.

De um olhar receptivo parte-se em busca em busca de um olhar investigador e sensível, que não só enxerga, mas questiona. O que de fato te atrai? Experimentando novas perspectivas, o que acontece quando se aproxima desse estímulo? Ou quando se afasta? Se olhar de baixo ou por baixo de algo. De outros pontos do ambiente. Com diferentes focos e disposições. E dessa forma buscar entender como esse espaço se transforma através do seu olhar.

Agora, pode-se tirar os óculos da realidade, e deixar que o seu olhar seja influenciado pela imaginação. Terá o poder de ressignificar tudo que chega a seus olhos, mudando as funções dos objetos, a paisagem do espaço, a finalidade de lugares e até inventar algo que ainda não exista ali.

Uma boa maneira para impulsionar a ativação do imaginário, é buscar em sua memória a última vez que interagiu e transformou o que estava à sua volta. Quando foi que brincou com algo que não era exatamente um brinquedo, mas que por um momento se transformava para atender as demandas da sua criatividade? Não é só o imaginário que é ativado pela memória, ela também é um estímulo que deixa o corpo permeável e disponível para estar presente (LENGOS, 2020, online) - ao acessar esses registros físicos, poderá criar caminhos que possibilitam o envolvimento pleno na experiência deste passeio.

Com o corpo e mente ativados, seguimos experimentando, colocando em prática o que foi criado por sua imaginação. Estabelecendo um diálogo com o espaço, há uma troca entre os estímulos que encontra e a cada reação ou relação proposta como resposta, subindo, descendo, pulando, rolando, correndo, andando, sentando, deitando, pendurando, encostando e tantas outras ações que podem ser feitas diante e tudo que encontrar no espaço. Também é possível descobrir diferentes maneiras de fazer cada uma dessas ações, muito rápido ou bem devagar, de frente, de lado ou de costas e até interagir com outro corpo presente. Tudo que está a sua volta se movimenta, a intenção é conectar-se a esses movimentos e se comunicar com eles através do corpo, fluindo assim, a sua própria movimentação.

E pronto, já está dançando! Iniciou este passeio encontrando espaços, e percorreu este caminho descobrindo seu corpo e suas possibilidades, usando do imaginário para criar e se expressar espontaneamente através do movimento. Essa experiência nos permite ocupar e transformar o espaço, usando nosso corpo e imaginação, seguindo apenas um fluxo livre e natural de cada um.

Esta proposta de aula passeio colocada como Passeio Dançante, não se concentra apenas no ambiente escolar, o conceito de ocupação do espaço e a apropriação do próprio corpo são ensinamentos e práticas constantes, com grande relevância na atualidade, pois pensamentos que buscam a desconstrução de antigos padrões sociais exigem mentes e corpos ativos e disponíveis para desempenhar o

papel de cidadãos conscientes e presentes na reflexão e transformação de temas emergente.

Um livro para dançar

Tratar sobre uma estratégia pedagógica que prioriza o movimento no processo de aprendizagem voltada para o ensino da dança para crianças, como a Aula Passeio, sem colocá-la em prática efetivamente foi, sem dúvida, um obstáculo ao longo do desenvolvimento. Na busca por suprir essa necessidade, surge a ideia de desenvolver um material mais lúdico e acessível ao entendimento das crianças, que imprimisse a proposta da prática da Aula Passeio vivenciada pelo corpo. Assim se iniciou a concepção do livro infantil “Passeio Dançante: uma brincadeira pelo espaço”¹⁰.

Ilustrei e escrevi o livro procurando transmitir de forma singela e sensível a proposição de ocupação e investigação do espaço através do corpo e da imaginação, instigando a exploração e descoberta de novas movimentações. O livro considera a realidade atual do ensino a distância, trazendo não apenas o ambiente escolar como possibilidade de ocupação, mas também os espaços de casa e fora dela (quarto, sala, cozinha, quintal, rua, praça, etc.), ampliando e acessibilizando a prática do Passeio Dançante.

Tanto a ideia quanto a execução do livro para dançar, aconteceu simultaneamente à escrita da pesquisa, sendo a ponte para expressar a minha afinidade pela literatura infantil, que fez parte do meu processo de formação como docente, me aproximando e sensibilizando do universo da infância. Representar o percurso da Aula Passeio através dos desenhos e de uma escrita simples, ajudou a me conectar com a ação do corpo no espaço, que não substitui a experiência concreta da aula, mas traz um outro entendimento, a partir da minha perspectiva, de como a proposta pode se efetivar.

¹⁰ Disponível em: <https://www.flipsnack.com/passeiodancante/passeio-dan-ante.html>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa passou por muitas etapas e processos, o conceito freinetiano de Aula Passeio foi descoberto em meio aos estudos de estratégias da pedagogia democrática, e aos poucos se tornou a ideia norteadora da pesquisa. Ainda que o projeto tenha me conduzido para o experimento da prática, as circunstâncias de um ano de pandemia, levaram-me a optar por focar no estudo teórico dos princípios da estratégia pedagógica e na composição de um material didático em forma de livro infanto-juvenil.

Mesmo distante da sala de aula, levantei reflexões ao longo da pesquisa que me fizeram acreditar na efetividade da Aula Passeio como método de uma aula de dança no ensino formal, por trabalhar o corpo do aluno de uma maneira integral, considerando o processo e potencialidade individual de cada criança, distantes de formatos expositivos e codificados, que não estimulam a autonomia do aluno, colocando-o como isento do seu próprio processo de aprendizagem.

O estudo de uma estratégia pedagógica que pode ser utilizado em qualquer área de conhecimento, como a Aula Passeio, fortalece a compreensão da equivalência entre todas as disciplinas curriculares do ensino formal, reforçando a importância das artes na formação acadêmica do aluno, como uma área que desenvolve a criatividade, expressividade, sensibilidade e criticidade através de diferentes linguagens, como a música, artes visuais, teatro e a dança.

O processo construído abordando a prática da Aula Passeio no ensino da dança, usando o espaço cotidiano como impulso criativo e meio de ocupação, é uma forma de democratizar a dança enquanto performance, tirando-a da complexidade dos palcos e tornando-a acessível para qualquer pessoa. Esta configuração de intervenção de espaços cotidianos a partir de performances artísticas, são características da dança de espaços específicos (*site specific*), na qual a Aula Passeio dançante possui semelhanças, principalmente por ser uma prática em que o corpo estabelece relação com o espaço através de um diálogo movido por percepções sensíveis e reações expressivas do corpo. Embora o percurso da pesquisa ainda não tenha chegado no estágio da atuação cênica, a prática corporal apresentada tem a sua potencialidade representativa, pois o simples sair, seja da escola, da sala de aula ou da posição passiva sentada, é um ato de resistência e empoderamento do próprio

corpo e do espaço público, que vai além das dimensões físicas e alcança também as sócias, fazendo da Aula Passeio de dança uma ação política e democrática.

Por acreditar na efetividade da Aula Passeio como estratégia pedagógica, e julgar a proposta da sua realização para o ensino da dança no contexto escolar formal como possível e positiva, considero este trabalho em constante processo, se estendendo por minha trajetória docente, não só como uma possibilidade prática, mas como um conceito pedagógico contemporâneo e libertário.

“No dia em que os cidadãos tiverem essa formação de experimentadores e criadores que nos esforçamos por lhes dar, haverá então qualquer coisa de diferente nas nossas democracias” (FREINET, 1976, p.112).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Ana Carolina. **Vídeo Dança na Escola**: processos de criação entre crianças e uma artista - docente no ensino fundamental I. 2019. p.26. Tese de Mestrado (Artes da Cena). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2019.

BASTOS, Beth. **O Pensamento de Klauss Vianna na Dança para Crianças com Beth Bastos**. 2020. (32m27s). Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CGqeBzTnJYI/>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei 9.394/1996, que institui as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

_____. Congresso Nacional. Lei 13.278/2016, altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Brasília, 2016.

_____. Congresso Nacional. Lei 8.069/1990, dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. Brasília, 1990

FRIEDMANT, Adriana. As Camadas Mais Profundas do Brincar, 2017. **Balangandança Cia**. Disponível em: <http://balangandanca.com.br/?page_id=1791> Acesso: 30 nov. 2020

FREINET, Célestin. **A Pedagogia do Bom Senso**. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **O Jornal Escolar**. Lisboa: Estampa, 1976.

GODARD, Hubert. **Gesto e percepção**. SOTER, Silvia e PEREIRA, Roberto. Lições de Dança 3. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2001. p.11-35.

_____. **Olhar Cego**: entrevista com Hubert Godard, por Suely Rolnik. In ROLNIK, Suely (org). Lygia Clark: da obra ao acontecimento. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2006. p. 73-79

O PIBID como campo fértil para a prática do licenciado em Dança e a formação de sua identidade docente. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, Universidade Estadual de Campinas**. Campinas, p.110-124, out. 2018

LAROSSA, Jorge. Notas sobre experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n.19, p.20-28, jan./abr., 2002

LENGOS, Georgia. **Georgia Lengos - Toca TV**. 2016. (1m25s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b-S2BjYDnHA&t=101s>> Acesso em: 11 dez. 2020

_____. **Corpo do Brincar e Dançar com Georgia Lengos**. 2020. (40m15s). Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CGiwTHXHwEv/>> Acesso em: 29 out. 2020

MACHADO, Marina Marcondes. Entre Escola e Universidade: dinossauros e caderninhos por uma dramaturgia encarnada. **Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, jan./abr. 2017, p. 45-70.

MARQUES, Isabel. O artista/docente: ou o que a arte pode aprender com a educação. **Ouvirouver**. v.10, n.2., jul-dez, 2014, p. 230-239.

MEIRELLES, Renata. Um Encontro com o Brincar. 2011. **Balangandança Cia**. Disponível em: <http://balangandanca.com.br/?page_id=1768> Acesso em: 17 ago. 2020

MENEZES, Elizabeth. Corpo-casa da dança com as Lúdicas brasileiras, 2020. **Balangandança Cia**. Disponível em: <http://balangandanca.com.br/?page_id=1975> Acesso em: 4 dez. 2020

MILLER, Jussara. O Corpo Presente: Uma experiência sobre dança-educação. **Educação Temática Digital**, v. 16, n. 1, 2014.

NELSON, Lisa. A page written by Lisa Nelson. **SARMA.be**, 2002. Disponível em: <<http://sarma.be/docs/3295>> Acesso em: 20 out. 2020.

PARO, Vitor. Estrutura da Escola e Prática Educacional Democrática, **ReP USP**, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/001657984>> . Acesso em: 12 ago. 2020

PREGNOLATTO, Daraína. CRIANDANÇA a espontaneidade da criança que dança ou quando o movimento vira dança, 2014. **Balangandança Cia**. Disponível em: <http://balangandanca.com.br/?page_id=1783> . Acesso em: 10 jun. 2020.

SAURA, Soraia. Olhar o brincar: aprender e apreender o mundo com olhos infantis. 2020, **Balangandança Cia**. Disponível em: <http://balangandanca.com.br/?page_id=1975>. Acesso em: 27 nov. 2020.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cadernos CEDES**, Campinas , v. 21, n. 53, p. 69-83, abr. 2001 . Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000100005&lng=pt&tlng=pt>. Acessos em: 13 ago. 2020

VIGOTSKI, L. S.. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, (8), 18-36. Disponível em: <<http://www.ltds.ufrj.br/gis/.2008>> 10 dez. 2020.

XAVIER, Uxa. **Mapas para Dança em Muitos Lugares**. São Paulo: Patuá, 2014.
_____. **INSTITUTO FESTIVAL DE DANÇA DE JOINVILLE**, 11., 2018, Joinville. 1, 2, 3 e já! A criança pinta, borda e dança. Joinville: Jussara Xavier, 2018, p. 19-26. Disponível em: <<http://www.ifdj.com.br/repositorio/seminarios/Livro-11-1-2-3-e-ja-a-crianca-pinta-borda-e-danca-pdf.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2020.

ANEXO

Anexo A – Livro “Passeio Dançante: Uma brincadeira pelo espaço”



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
DEPARTAMENTO DE ARTES CORPORAIS

Janaina Ramos Carlos

Este livro é fruto do processo de elaboração da Monografia apresentada ao Departamento de Artes Corporais, no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Dança, sob orientação da Professora Dra. Marisa Lambert.

Campinas
2020

Antes de começar esse passeio vamos descobrir para onde você pode ir. Mesmo que seu espaço de exploração seja um local que você já conhece, como a sua casa. Como você pode se aventurar nele de outras maneiras, tornando -o um lugar novo? Será fora ou dentro? Longe ou perto? Terá companhia ou irá sozinho?

Escolhido! Então podemos começar!



Uma vez no espaço escolhido, comece a observar!

Respire, perceba os detalhes, deixe esse ambiente conversar com você!

Quais os sons desse lugar? E os cheiros?

Tem muita ou pouca natureza?

Quais as diferentes cores e formatos desse lugar? Espaços cheios ou vazios, linhas retas ou curvas...



De tudo que encontrou neste espaço, o
que mais te chama atenção?

Tente se aproximar, quem sabe tocar,
sentir, estabelecer contato, ou se distanciar,
perceber o lugar escolhido incluído no todo.

O que acontece se olhar por entre os dedos
das mãos?

Como é a vista por cima ou por baixo de
algo?

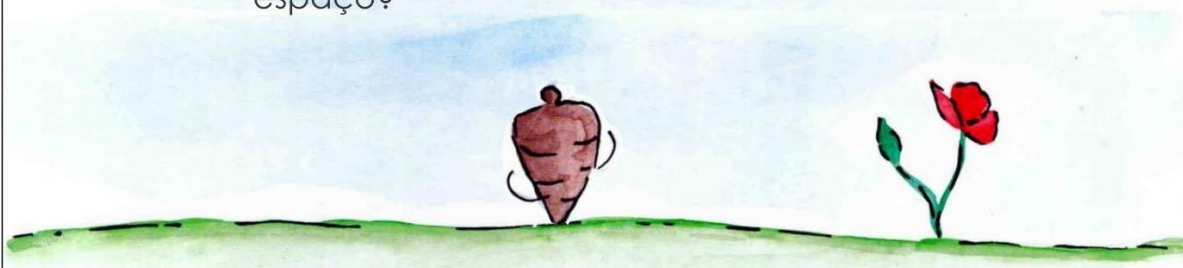


Agora coloque a imaginação para funcionar
ainda mais!

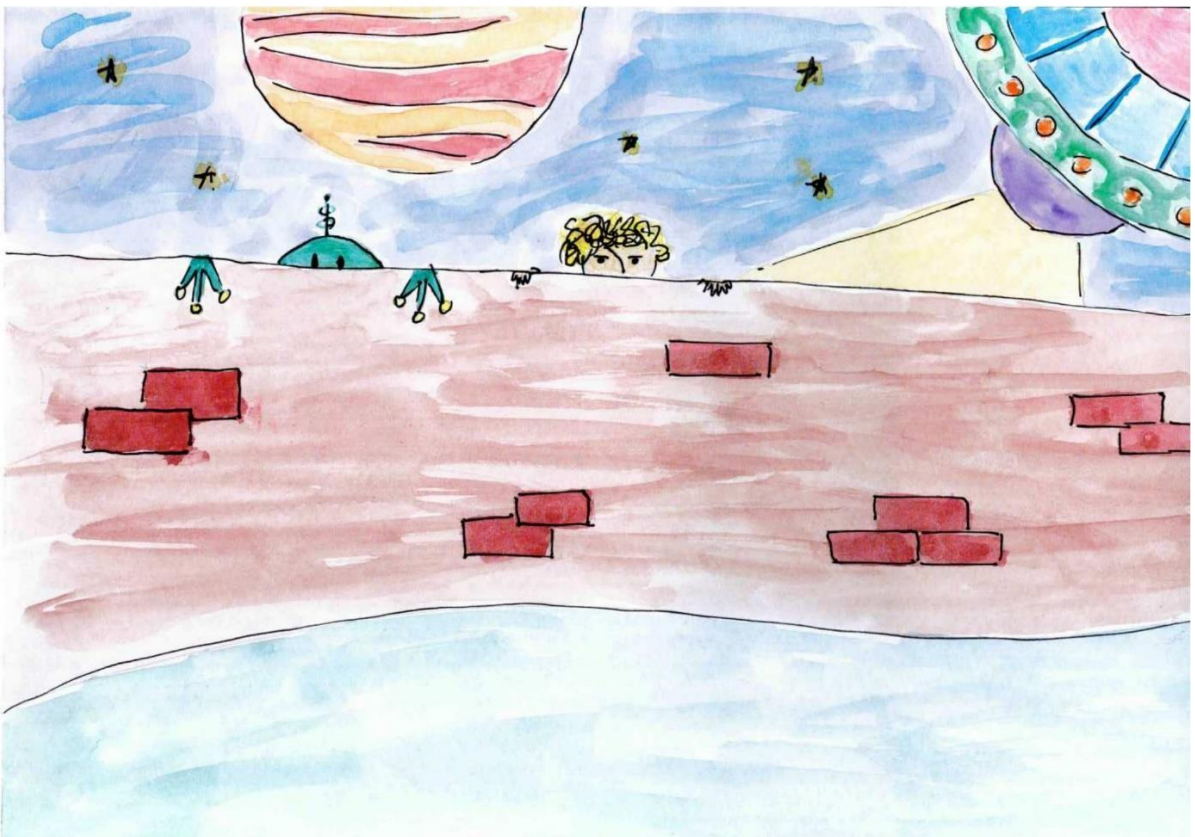
De que outras formas você pode brincar ou
estar?

De que outros jeitos você pode transitar
nesse espaço, atravessando por ali e por
aqui?

E se criar algo que ainda não exista neste
espaço?



Você pode inventar uma história!
Transformar esse espaço em outro lugar!
Onde você realmente queria estar agora?
Feche os olhos e pronto! Já está lá!
E se você se transformar em outra pessoa,
ou coisa?
Quem ou o quê você deseja ser?
É só lançar-se neste passeio!

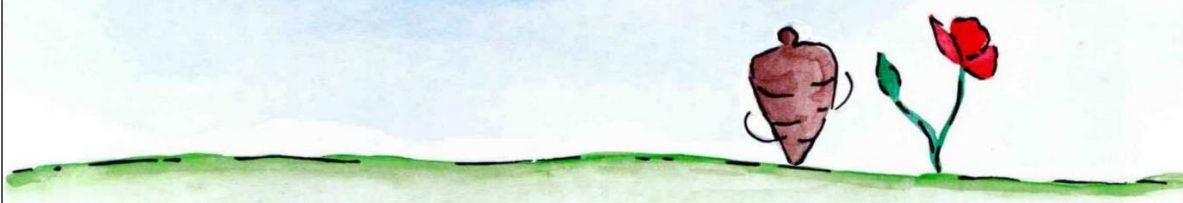


Use sua criatividade para se relacionar com todas as coisas que estão surgindo!

Como seu corpo pode se movimentar?
Girando, saltando, balançando, rolando e desenrolando...

Como são as texturas desse lugar? Como a terra fofa, a areia áspera, o cimento duro, o sofá macio...

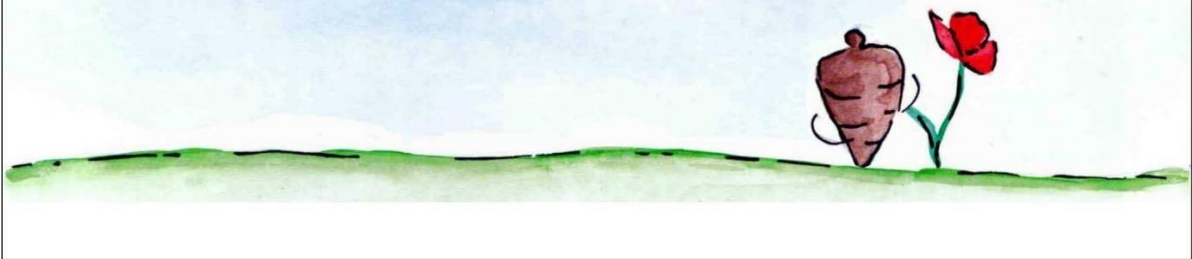
Experimente cada textura com outras partes do corpo, como o nariz, as costas, os pés, as bochechas, o bumbum, a barriga...



E se agora for bem rápido? Bem devagarinho...
até ficar parado! Leve como o vento ou pesado
como um tijolo? Fluido como a água ou firme
como a parede?

Que tal brincar também com as direções? Para
frente, para trás, para os lados ou ao lado do
outro?

Porque nunca estamos sozinhos certo? Quem
está perto de você? Os objetos, o chão, o céu?
Um amigo encontrado ou um amigo inventado?



Olhe! Quanta coisa se movimenta à sua volta!

Como o caminhar de um inseto, as folhas balançando com o vento, a sombra do sol no chão, o ponteiro do relógio, um barulho na cozinha...

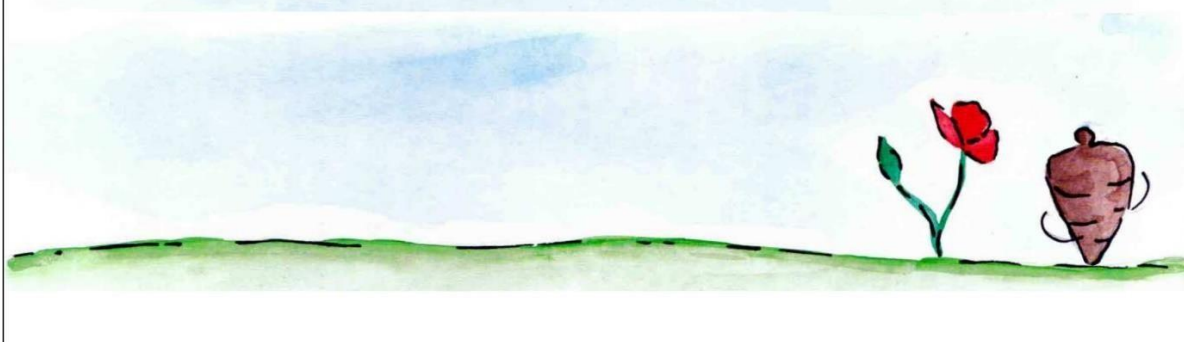
É só procurar, que achará vários movimentos no espaço para ampliar a diversão!

É como se tudo estivesse dançando!



Por fim, tudo que precisa fazer é se juntar a essa dança!

Se inspirando nos movimentos que acontecem no espaço e imprimindo nos lugares seus próprios movimentos.



E dançar!

Dançar no espaço e com o espaço!

Dançar brincando por esse passeio, do seu jeito e sem regras, você pode criar e se movimentar como quiser, quantas vezes quiser e em lugares diferentes!

Falando nisso...Para onde vamos agora?



